

LITERATURA INFANTIL: UMA FANTÁSTICA VIAGEM NO MUNDO DA LEITURA

AUTORA: ANA PAULA DA SILVA OLIVEIRA

Monografia apresentada à UNIESP - União de Escolas Superiores Paraíso, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.
Orientador: Adilson Vieira de Pádua.

São Sebastião do Paraíso - MG

2009

**Literatura Infantil: uma fantástica viagem no mundo da
leitura**

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

O certo em literatura é escrever com o mínimo possível de literatura. (...) a mim me salvaram as crianças. De escrever para elas, simplifiquei-me.

Monteiro Lobato

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por mais uma conquista em minha vida.

A todos os familiares, meus pais, minhas irmãs, e meu namorado, agradeço pela compreensão dos momentos ausentes e pelo amor e apoio dedicado.

A todos os professores, pela dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

E finalmente as colegas de sala pelo companheirismo na troca de informações.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	6
RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO	8
1- CAP. I LITERATURA INFANTIL CONCEITO E HISTÓRICO.....	10
1.1 O Que é Literatura Infantil?.....	10
1.2 Origem e Evolução	12
1.3 Brasil.	16
1.4 Características.....	19
1.5 Importância.	21
2- CAP. II DESENVOLVIMENTO LITERÁRIO-FAIXA ETÁRIA.....	24
2.1 Conhecimentos Gerais.....	24
2.2 Fase Pré-Mágica.....	25
2.3 Fase Mágica.....	26
2.4 Idade Escolar.....	27
3- CAP. III VIVÊNCIAS EM SALA DE AULA.....	29
3.1 Oficinas de Leitura.....	29
3.2 Projeto “Nossas Fábulas”.....	33
CONCLUSÃO.....	48
BIBLIOGRAFIA.....	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro Faca sem ponta galinha sem pé.

Figura 2: Lista de Fábulas.

Figura 3: Reconto das Fábulas.

Figura 4: Quadro comparativo.

Figura 5: Fábula A lebre e a Tartaruga.

Figura 6: Revisão do texto.

Figura 7: Revisão dos alunos.

Figura 8: Tabela de perguntas.

Figura 9: Gráfico do que não pode faltar nas Fábulas.

Figura 10: Gráfico de onde se costuma ouvir Fábulas.

Figura 11: Gráfico de freqüência de onde se ouve Fábulas.

RESUMO

O presente trabalho irá abordar a literatura infantil desde sua origem até os dias de hoje, mostrando que os primeiros modelos de histórias infantis não contavam apenas sobre um gênero mais sim como um projeto educativo e ideológico que representava nos textos infantis a escola como importante aliada para a formação de cidadãos críticos. A literatura infantil tem papel importantíssimo na vida da criança, pois oferece oportunidades de viver o imaginário e favorece a visão original da realidade. Quando lê a mesma adquire um conhecimento do real e também do que não é real. Para a criança, ler é fonte de prazer, estímulo à criatividade, enriquecimento de experiências e motivação de aprendizagem. A literatura infantil pode ser usada como recurso lúdico desenvolvendo na criança um comportamento prazeroso. Nela, a criança aprende brincando, aprende a respeitar regras, se diverte, seja através da imitação, da socialização, interação ou dificuldades a serem vencidas. O objetivo geral da pesquisa foi o de utilizar a literatura infantil para despertar na criança o hábito da leitura. Assim com resultado de vivências em sala de aula por meio de atividades diferenciadas com a literatura infantil conclui-se que enriquece e contribui efetivamente para a construção do conhecimento.

Palavras-chaves: Literatura infantil. Desenvolvimento. Criatividade.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Literatura infantil exerce um grande papel sobre a aprendizagem da criança, partindo de sua trajetória ao longo dos tempos para enfatizar a necessidade de sua utilização adequada na escola.

Portanto este trabalho foi elaborado com o objetivo de proporcionar a criança por meio da leitura, um momento mágico, de lazer, reflexão, harmonia e construção de conhecimento, mostrando a ela que a literatura não é uma obrigação e sim um prazer.

O mundo dos livros é mágico, proporciona uma variação de caminhos, onde a criança pode viajar através das histórias, assim elas criam e recriam ,projetando um mundo de encantamento entre o real e o imaginário.

Por isso deve-se trabalhar este conteúdo, motivando as crianças de forma diversificada.

A literatura infantil é uma ferramenta indispensável no processo de formação, acrescenta ao aluno uma expressão livre, promovendo um desenvolvimento social e emocional.

Com a ajuda de grandes autores como Cecília Meireles, Betty Coelho e outros, os conhecimentos foram aprimorados, analisando os conteúdos propostos.

Sendo assim procurou-se desencadear formas variadas de tornar a leitura um hábito mais prazeroso, desenvolvendo o gosto pela mesma de forma diversificada.

No primeiro capítulo conceitua-se a Literatura Infantil, com definição, histórico, características e sua importância.

No segundo capítulo enfatiza-se o desenvolvimento literário com a faixa etária e fases escolares dos alunos.

No terceiro capítulo abordam-se, as vivências em sala de aula, com

atividades práticas como oficinas e projetos relacionados com literatura infantil.

Por meio deste contexto chegou-se a conclusão do trabalho.

1– CAPÍTULO I LITERATURA INFANTIL- CONCEITO E HISTÓRICO

1.1- O que é a Literatura infantil?

A literatura infantil nada mais é que uma ramificação da literatura dedicada especialmente às crianças. Isto inclui histórias fictícias infantis, biografias, poemas obras folclóricas e/ou culturais ou simplesmente obras contendo/explicando fatos da vida real.

Infelizmente, a denominação infantil faz com que este estilo literário seja considerado por alguns "menor," ou seja, não há respeito com para com o público infantil.

O preconceito é tanto em relação à literatura infantil, que "muitos autores do gênero relutam em dizer que escreveram suas obras para crianças: preferem afirmar que escreveram simplesmente sem destinatário." (CUNHA, 1986).

A literatura infantil, em um primeiro momento se depara com uma questão fundamental: será que existe mesmo uma literatura infantil?

Para Valente (2009), essa questão se torna mais árdua quando nos deparamos com inúmeras e variadas produções gráficas destinadas a crianças, principalmente nos países industrializados, abrangendo uma grande parte destinada à alfabetização, assim como vem crescendo a produção de livros específicos denominados pelo mercado de Literatura Infantil.

Pelo fato desta última produção ter como pretensão recrear, divertir ou emocionar as crianças, a resposta para a indagação inicial já não será tão simples assim, quando se coloca a "eficácia" dessa produção como Literatura Infantil, pois

no dizer de Goes (1990), apud Valente (2009), a ideia de eficácia envolve juízos de valores de ordem: estética pedagógica, ideológica, etc, dependendo dos valores de quem os omite. Segundo Carlos Drummond de Andrade, (1964) como exemplo deu seu parecer quando escreveu:

O gênero literatura infantil tem a meu ver existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de ser alimento para a alma de uma criança ou um jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem feito? (...) Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte? Ou será a Literatura Infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado. Porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância?

Confirma-se nas palavras de Drummond, o mérito que um bom livro pode apresentar, por servir tanto a criança quanto ao adulto. Logo, pode-se concluir, que para o autor literatura infantil é antes de qualquer coisa, "literatura, "considerando o fato de poder causar satisfação tanto à criança quanto ao adulto, assim, presume que a redução do homem a que se referiu Drummond, encontra-se nos livros que não são de literatura infantil, mas "pueril, " que segundo Goes (1990), apud Valente, são "obras carregadas de diminutivos, piegas, onde transparece falsa simplicidade, com ação e diálogos artificiais."

De acordo com Meireles (1984) tendo a mesma preocupação com a existência ou não da literatura nos mostra que:

Evidentemente, tudo é uma literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera especialmente do âmbito infantil. São as crianças na verdade quem o delimitam com sua preferência. Não haveria, pois uma literatura infantil a priori mais a posteriori.

O contato com textos repletos de encantamento faz-nos perceber quanto é importante e de grande responsabilidade toda forma de literatura.

A palavra literatura é intransitiva, pois exprime ação, e independente do adjetivo que receba, é sonho e arte sendo assim, o termo infantil relacionado à literatura não significa que ela tenha sido feita somente para crianças. Na verdade, ela acaba sendo aquela que corresponde aos desejos do leitor e que se identifique com ele. (OLIVEIRA, 2009).

1.2 Origem e Evolução

De acordo com Oliveira o impulso de contar histórias deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de informar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos. Não há povo que não se orgulhe de suas histórias, tradições e lendas, pois são a expressão de sua cultura e devem ser conservadas..

A célula máter da literatura infantil, hoje conhecida como 'clássica', encontra-se na Novelística Popular Medieval que tem suas origens na Índia. Descobriu-se que, desde essa época, a palavra impôs-se ao homem como algo mágico, como um poder misterioso, que tanto poderia proteger, como ameaçar, construir ou destruir. São também de caráter mágico ou fantasioso as narrativas conhecidas hoje como literatura primordial. Nela foi descoberto o fundo fabuloso das narrativas orientais, que se forjaram durante séculos a.C., e se difundiram por todo o mundo, através da tradição oral. (OLIVEIRA, 2009).

A Literatura Infantil constitui-se como gênero, na França, durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade trouxeram repercussões na esfera artística. Segundo essa linha de pensamento, antes disso, não haveria propriamente uma infância no sentido que conhecemos. Também, antes disso, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, participavam, desde a mais tenra idade, da vida adulta. Não havendo livros, nem histórias dirigidas especificamente a elas, não existiria nada que pudesse ser chamado de literatura infantil. Desta forma, as origens da literatura infantil estariam nos livros publicados a partir dessa época, preparados especialmente para crianças com intuito pedagógico, utilizados como instrumento de apoio ao ensino. Como consequência natural deste processo, o didatismo e o conservadorismo deveriam ser considerados componentes estruturais, por assim dizer, da chamada literatura para crianças.

Em resumo, na sociedade antiga, antes de 1660, não havia separação alguma entre o mundo adulto e o mundo da criança. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos. Estes as tratavam com hostilidade, e por não serem bem tratadas, conseqüentemente muitas morriam. Assim, não havia laços afetivos, pois a criança era pouco considerada e a figura materna não se fazia presente nos primeiros dois anos de vida.

Entre 1660 e 1880 houve extraordinárias mudanças na prática de criação das

crianças, principalmente entre a alta burguesia e os profissionais liberais. Os cueiros apertados deram lugar às roupas mais soltas, a mãe começa a ser figura dominante na vida infantil. No século XVII, a organização é fortemente patriarcal, influenciada e estimulada pelos protestantes, pois os pastores consideravam-se como indivíduo que, somente podia ser domada pela educação religiosa rígida. Aqui há um interesse especial pela criança, fazendo surgir à adição dos primeiros tratados de pedagogia, escritos pelos protestantes ingleses e franceses.

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da sua vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Segundo Cunha (1986):

Antes disso, a criança, acompanhando a vida social do adulto, participava também de sua literatura. Temos que distinguir dois tipos de crianças, com acesso a uma literatura muito diferente. A criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas liam e ouviam as histórias de cavalaria, de aventuras. As lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares.

Estes fatos ocorridos acima aconteceram justamente com o começo da revolução industrial, época de inovação econômica, social e política, onde começa a refletir uma preocupação com a infância. Como já informado, a criança passa então a ser percebida como um ser diferente do adulto, com necessidade e características próprias. A escola para ocupar a criança durante esta etapa de sua vida e ao mesmo tempo querendo informá-la para momentos futuros de sua existência, converte-se no intermediário entre a criança e a cultura, usando como fonte entre ambos, a leitura

Com o domínio generalizado da habilidade de ler, consequência da ação eficaz da escola, há uma irreversível democratização do saber. E ao mesmo tempo, aparecem as primeiras expressões da cultura massifista devido à exploração de uma literatura popular, cuja transmissão se fizera até aquele momento por intermédio das formas orais, acompanhadas pela música.

No século XIX a criança burguesa encontra-se integrada no conteúdo familiar e a mulher se fortifica na organização doméstica, já para a criança proletária nada mudou, continuou sendo abandonada precocemente, obrigada a trabalhar cedo, tratada com violência ou então negligenciada com o êxito no processo de

privacidade familiar. E desta maneira provocando uma falha na socialização da criança.

Com o passar dos anos, a escola passa a adquirir especial significação em se tornar o traço da união entre a criança e o mundo, restabelecendo a unidade perdida, pois a criança está isolada do mundo dos adultos e da realidade exterior. A instituição escolar trouxe respostas particularizadas nas diferentes camadas e que correspondeu no plano da educação para prática social no nível comunitário.

Na Europa o ensino passa a ser obrigatório e gratuito, e conseqüentemente as crianças são retiradas do mercado e, principalmente, as operatórias voltam à escola. Nesta época, é intitulada certa igualdade, criando-se condições tanto para o rico quanto para o pobre, e assim, acesso a literatura. Ainda no século XIX, surge uma literatura informativa, a qual se destaca abaixo, que pretendiam assessorar as crianças a se prepararem, o mais depressa possível, para a vida adulta.

Apesar de terem suas próprias vontades e necessidades, a criança ainda era tratada como um “pequeno” adulto, a passagem da infância para a vida adulta se fazia quase sem transição, portanto os raros livros escritos eram especialmente para leitores da faixa intermediária, puberdade e adolescência. Infelizmente, até o início do século XX a maior parte dos leitores era da faixa etária adulta e existiam alguns livros originais ou em adaptações, dentre estes, poucos destinados as crianças, sendo que havia inúmeros escritores ilustres, maravilhosos na época.

A origem da literatura Infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo status concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se antes de tudo, à sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumentos dela. (OLIVEIRA, 2009).

Como já revelado, a literatura infantil tem o seu ponto de partida, sob o aspecto de consagração universal, na França do século XVII. E vamos encontrá-lo na obra fantasiosa de Perrault e na obra de caráter didático de Fénelon.

Abaixo um resumo histórico da literatura Infantil, conforme Oliveira (2009).

Obras presentes entre os séculos que ainda continuam fazendo sucesso entre as crianças e até mesmos com os adultos:

- Século XVII

Charles Perrault (1628-1703), colhendo e adaptando as lendas e narrações afloradas da tradição e do folclore, imortalizou-se através de contos maravilhosos

como o do Gato de botas e o da Gata borralheira, sendo hoje considerado autor clássico do gênero, ao lado de Andersen e dos Grimm. O primeiro livro de Perrault data de 1697.

Fénelon (1651-1715). Suas qualidades pedagógicas foram aplicadas na educação do duque de Borgonha. Em “Telêmaco” sua obra mais formosa, relata as aventuras do filho de Ulisses. Notamos que o autor, disfarçado na figura de mentor, servia-se para ensinar ao duque os deveres de um príncipe.

La Fontaine (1621-1695). O clássico moderno das Fábulas.

Adaptadas, elas constituem o encanto da garotada. Mme. D’Aulnoy, cujo nome real é Maria Catarina Jumel de Berneville. A condessa D’Alnoy foi autora de contos de fadas muito populares, como o “O Delfim”, “A Ave Azul”, “A Bela dos Cabelos de Ouro” etc. Faleceu em 1705.

- Século XVIII

Jonathan Swift (1665-1745) com suas viagens de “Gùliver”

Daniel Defoe (1660-1731) com o “Robinson Crusoé”

Mme. Leprince de Beaumont (1711-1780), cuja obra aponta preocupação educativa. Suas principais produções “A bela e a Fera”, “O príncipe Encantado,” “O manual da Juventude” entre outros.

Berquin (1749-1791). Fiel discípulo de Rousseau, e considerado por muitos o verdadeiro fundador da literatura infantil. Sua obra fundamenta-se na realidade e na ficção imaginosa. “Literaturas Escolhidas”, séries de contos variados, constitui um de seus trabalhos mais apreciados.

- Século XIX

Hans Christiano Andersen (1805-1875). O escritor e poeta dinamarquês é, sem dúvida, o mais sensível e delicado escrito do gênero. Em seu estilo está sempre presente a magia que só a poesia pode difundir, composta de suave e contagiante ternura. É autor de 156 contos maravilhosos, entre os quais se destacam “O Patinho Feio”, “O Rouxinol”, “A Roupas Nova do Imperador”, “A Pequena Vendedora de Fósforos”, “Sapatinhos Vermelhos” etc.

Irmãos Grimm, Luis Jacob (1785-1863) e Guilherme Carlos (1786-1859) .

Eles foram os pioneiros dos estudos folclóricos. Os contos que escreveram e os celebrizaram, derivam diretamente das fontes primitivas e genuínas da tradição e saberes popular. Publicaram “Contos Populares” e “Lendas Alemãs”.

Carlos Lorenzini o Collodi que se imortalizou com seu boneco de pau o

“Pinocchio”

Charles Dickens com “David Copperfield”.

Matthew J. Barrie criador de “Peter Pan.”

Lewis Carroll pai da célebre “Alice no País das Maravilhas.”

Lyman Frank Baum, imortalizado com seu “Mágico de Oz”.

Condessa de Ségur, autora de obras bem conhecidas como “Memórias de um Burro”, “As Férias” etc.

Júlio Verne, autor de obras maravilhosas e ao mesmo tempo instrutivas. Sua ficção científica popularizou-se em trabalhos como “Vinte Mil Léguas Submarinas”, “A Ilha Maravilhosa”, “A Volta ao Mundo em 80 Dias” e “Os Filhos do Capitão Grant”.

Tchekov, com os “Álbuns de Contos Russos”

Ivan Krylov escreveu fábulas calcadas em Esopo e Fedro. É considerado o La Fontaine russo.

Antoine Exupéry, criador de “O Pequeno Príncipe”, verdadeira obra prima de lirismo e sutileza crítica.

Destes autores, segundo Meireles (1984) podemos dizer que:

Dois autores disputavam a predileção das crianças: Mme. De Ségur e Júlio Verne. Vinham de longe, contavam coisas deliciosas: salões diferentes, nomes desconhecidos (...). Viagens verdadeiramente fabulosas. Como se tudo isso fosse suficiente, a esses livros encantados se acrescentavam as emoções do dia de recebê-los: palanques coloridos, encerramento de aulas, hinos cívicos, nome na lista dos prêmios, dedicatórias, aniversários, mesas de doces, Natal, roupa nova, maravilhosos sapatos transbordantes de presentes...

“Em cada país, além dessa literatura tornada universal, vão aos poucos surgindo propostas diferentes de obras literárias infantis”. (CUNHA, 1986)

A legítima literatura infantil não deve ser feita essencialmente com intenção pedagógica, didática ou apenas para incentivar o hábito de leitura. Este tipo de texto deve ser produzido pela criança que há em cada um de nós, pois assim o poder de cativar esse público tão exigente e importante aparece.

O grande segredo é trabalhar o imaginário e a fantasia.

1.3 Brasil

No século passado, era oferecido um panorama variado de leituras infantis em relação ao Brasil, mas o mesmo não se pode dizer dos séculos anteriores. O início da instrução dos tempos coloniais era impedimento natural ao uso de livros,

principalmente dessa espécie. A leitura não era uma conquista popular, apenas alguns deliciavam com o que era apresentado naquela época.

Desta forma o Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e principalmente adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.

Em especial essa fase da literatura infantil brasileira é representada por:

- Carlos Jansen em contos seletos das mil e uma noites; Robinson Crusóé;

As viagens de Gulliver a terras desconhecidas;

- Figueiredo Pimentel em Contos da Carochinha;
- Coelho Neto e Olavo Bilac em contos pátrios
- Tales de Andrade em Saudade

Mas na realidade é com Monteiro Lobato (1882-1948) que se dá início à verdadeira literatura infantil brasileira.

O papel exercido por Monteiro Lobato foi muito importante, pois foi através dele que se rompeu o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que se diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica

Após escrever urupês, vendeu a fazenda e foi para São Paulo, onde inaugurou a primeira editora nacional: Monteiro Lobato e CIA. Como já foi comentado, até então, os livros presentes no Brasil eram publicados em Portugal. Por isso, as iniciativas de Lobato deram a indústria brasileira do livro um impulso decisivo e extremamente marcante para sua expansão.

Monteiro Lobato era pré-modernista, e assim evocava: o regionalismo e a denúncia dos contrastes, mazelas e desigualdades na sociedade oligárquica brasileira da Primeira República. Também nos mostra o Brasil rural, mais especificamente o do vale do Paraíba, no interior do estado de São Paulo, do início do século XX revelando, em tons satíricos, sentimentais, irônicos aos seus costumes, sua gente e sua decadência, após o período áureo da economia cafeeira. Acontecimento marcante do século passado.

Fonseca relata:

Um mundo de fantasia é o sitio do pica pau amarelo, onde a boneca Emilia fala, pensa e age como gente grande e um sabugo de milho vira Visconde de Sabugosa. Nesse prolífero universo mágico, uma espécie de metáfora do Brasil, é narrado todo em um ciclo de aventuras em que seus personagens representam, de certa forma, as várias facetas e problemas do povo brasileiro. Por exemplo, em O

Poço do Visconde, ficção e realidade se misturam em torno do problema do petróleo brasileiro.

Deixou obras infantis maravilhosas como: Nas reinações de narizinho; viagem ao céu e o Saci; Caçadas de Pedrinho e Hans Staden ; História do mundo para criança; Memórias de Emília e Peter Pan; Emília no país da gramática e aritmética da Emília ; Geografia de Dona Benta; Serões de Dona Benta Histórias das invenções;D Quixote para as crianças; O poço do Visconde; Histórias de Tia Anastácia: O pica pau amarelo e a reforma da natureza; O minotauro, Fábulas e os doze trabalhos de Hércules.

Lobato com toda a sua obra e seu estilo é considerado, o maior escritor infantil brasileiro. Sua importância é tamanha que no dia 18 de abril é comemorado o dia Nacional do livro Infantil homenageando seu nascimento.

Reafirmando, o escritor abriu caminho para muitos escritores talentosos que criaram uma respeitável obra endereçada as crianças.

A década de 70 ficou conhecida como a época do “boom” da literatura infantil, ou seja, o estouro da literatura infantil brasileira para com o público não somente focado nesta, mais também para os adultos. Após a consolidação do mercado editorial, e a crescente dependência do livro com a escola, houve um aumento arrebatador no número de autores produzindo para a infância.(OLIVEIRA, 2009).

Surgiram escritoras como Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Marina Colasanti, Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha e Roseana Murray. Autores como Ziraldo e Pedro Bloch, discípulos de Lobato, trouxeram o humor de volta ao leitor infantil e juvenil. E assim, passamos a encontrar de tudo um pouco nos livros brasileiros para crianças e jovens. O realismo mágico, em que as fronteiras entre a realidade cotidiana e o imaginário se diluem. O maravilhoso mostrando situações ocorrendo fora do nosso espaço e tempo.

Constata-se que o gênero infantil vem ao longo dos tempos sofrendo transformações significativas ao aparecimento de um bom número de novos autores e muitos livros para crianças. Assim, mesmo não havendo garantia de uma boa qualidade literária, pelo menos há uma grande preocupação entre escritores de responder aos interesses das crianças e pais atentos à realidade do mundo de hoje, pois estes leitores são exigentes e capacitados para observarem o que é bom ou não para eles.

Mesmo no mundo de hoje, em que a tecnologia reina, onde a imagem e a

comunicação são instantâneas, a palavra literária escrita pode trazer muita bagagem cultural e uma forma ideal de se fazer uma leitura de mundo.

Cunha (1986) afirma que: "... a criança não se interessa pelo livro porque é apenas o reflexo do próprio desinteresse do adulto, por tal objeto..."

E diz também "... a ideia que a leitura vai fazer bem a criança ou aos jovens, leva-nos a obrigá-los a ler, como lhes impondo uma colher de remédio e a escovação de dentes, etc."

Ao ver de Soares (1999):

"[...] se a leitura não for proposta como uma tarefa ou dever escolar, se o livro não for imposto ao aluno, se a leitura não for avaliada "para nota", através de provas, de preenchimento de fichas [...]". Ela pode ser adequada, pois são inúmeras as atividades que podem ser desenvolvidas para despertar no aluno o interesse pela leitura como, por exemplo, sugerir a dramatização da história lida, etc. Assim são infinitas as formas de incentivo à leitura, isto é, que levem o aluno a descobrir a leitura como prazer, fruição e alternativa de lazer.

Fazer algo que não queremos é extremamente desagradável ou até mesmo sermos obrigados a fazer, imagine para a criança que tem em si uma aptidão inata de liberdade, ou seja, do querer por querer. Desta forma para os educadores é uma é um desafio tornar um hábito de leitura ou uma prática prazerosa no dia-a-dia da criança, porém é preciso que entendam a leitura como uma construção de sentidos que envolvem diversas linguagens e disciplinas.

1.4 Características

A literatura Infantil vem de encontro às novas perspectivas de Educação. Porém, cabe ao professor a competente tarefa de utilizá-la no seu dia-a-dia profissional, fazendo com que os alunos possam ter acesso aos livros e também fazendo com que mesmos venham a ter futuramente uma visão mais crítica frente a tudo que as rodeiam.

Mas há elementos que garantem o interesse da criança pela obra, para agradar o espírito infantil a literatura deve apresentar determinadas características importantes como:

- É essencial a mesma obra de arte para o adulto, diferenciada apenas na complexidade de concepção, ou seja, mais simples em seus recursos. Entretanto não menos valiosa.
- A linguagem é mais simples, como nos mostra Lobato em um depoimento:

Não imaginas a minha luta para 'extirpar' dos meus livros infantis. A cada revisão nova para novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as 'literaturas' que ainda as estragam. O último submetido a tratamento foram as 'Fábulas'. Como o achei pedante e requintado! Dele raspei um quilo de 'literatura', mais ainda ficou alguma. Lobato, apud Cunha (1986).

O autor do gênero deve tomar cuidado para que a criança não sinta uma linguagem artificial, pois o mesmo esquece “de que ela pode não usar determinadas construções, mais é perfeitamente capaz de compreendê-las.”(CUNHA , 1986).

Além da linguagem, não ser artificial, a trama da história deve ser algo que chame a atenção da criança no sentido da mesma não ser tão acabada, e sim misteriosa, cheia de lacunas, para que a criança crie um comportamento, pois ela é capaz de chegar a conclusões, de ter posições, de perceber os arranjos.

Como nos revela Lima apud Cunha (1986):

“Se ela percebe desde logo que a literatura é apenas uma forma de educação e, portanto, mais um empecilho à sua liberdade, não há como lhe impedir a repugnância espontânea a essa nova limitação.”

- As obras devem conter um ar otimista, alegria, humor e o gosto pela vida.

Assim relata Meireles (1984):

Ah! Tu, livro desprezioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu pelo qual se encantou, e sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim és um livro infantil, e o teu prestígio será na verdade, imortal.

- O código verbal escrito:
 - ✓ Para as muito pequenas, que não sabem ler, os desenhos das palavras não lhes atraem, pois não significa nada para elas. O texto deve ser pequeno para que elas observem as figuras. Os livros maiores que o normal e com formato da personagem principal, como por exemplo, um bichinho ou uma criança.
 - ✓ Para as crianças que estão começando a ler também predomina a ilustração, e o texto em letras grandes e arredondadas.

✓ À medida que a criança evolui na leitura, as ilustrações reduzem em favor do texto, as letras diminuem até o formato e o tamanho normal.

Cunha (1986) nos informa que: "Não basta ter ilustração para agradar á criança: importa não só ser bem feita, como também ser sugestiva, dar aos meninos oportunidades de recriar, imaginar, ir além do próprio desenho".

- A durabilidade do livro segundo Cunha (1986) "o tipo de papel, o tipo da capa, a forma de acabamento determinam um produto final mais ou menos belo [...], pelo que são aspectos importantes na obra."
- A editoração de livros para crianças deveria possuir cuidado com o texto e com a ilustração, infelizmente quase sempre há um grande interesse quanto à parte material e um descuido com relação ao texto.
- Quanto à narrativa, esta deve possuir dramatização e movimentação.

No dizer de Cunha (1986), "Irrequieta por natureza, incapaz de uma atenção demorada, a criança irá interessar-se naturalmente pelos livros onde todo momento apareçam fatos novos e interessantes [...]".

Como por exemplo:

- ✓ As poções, adivinhas, instrumentos e palavras mágicas
- ✓ Histórias que apresentem caráter aventureiro, no qual o herói enfrenta desafios.
- ✓ Imagens recorrentes como vãos mágicos, monstros etc.

Com relação às falas e aos pensamentos dos personagens, a melhor apresentação vem com o discurso direto, o diálogo dá um grande realismo à cena.

E finalmente o desfecho feliz. Esta é uma condição essencial, sobretudo para as crianças, porque elas vivenciam a história, identificando-se com os personagens.

Apesar de a Literatura Infantil ter suas características próprias, "qualquer tema de suficiente elevação moral, exposto em forma singela e correto pode transformar – se num livro infantil." (MEIRELES, 1984).

1.5 Importância

É por meio da literatura infantil que se tem uma maneira de compreender o mundo, sua função é exatamente fazer com que a criança tenha uma visão mais ampla de tudo que a rodeia, tornando-a mais reflexiva e

crítica, frente à realidade social em que vive e atua, desenvolvendo seu pensamento organizado.

Tem o poder de suscitar o imaginário, de responder as dúvidas em relação a tantas perguntas, de encontrar novas ideias para solucionar questões e instigar a curiosidade do pequeno leitor.

Ouvir histórias tem uma importância que vai muito além do prazer proporcionado, ela serve para a efetiva iniciação das crianças na construção da linguagem, valores e sentimentos aos quais ajudará na sua formação como cidadão.

Deste modo lidas ou contadas as histórias constituem-se em um generoso processo educativo, pois ensinam recreando, dando a criança os estímulos e motivações apropriadas para satisfazer suas tendências, seus interesses, seus desejos etc.

O gosto pela leitura vem de um processo que se inicia no lar. Mesmo antes da aprendizagem da leitura, a criança aprecia o valor sonoro das palavras. Aprende-se a gostar de livros pelo afeto quando a mãe canta ao embalar o berço, ou narra velhas histórias aprendidas pelos avós.

Sales (2001), confirma com os dizeres:

Ouvir histórias é um hábito que deve ser cultivado desde bem cedo, uma vez que a criança começa a fazer a leitura dos fatos que vão surgindo no seu dia-a-dia, mesmo antes de fazer a leitura das letras. Da mesma forma, o contato com as cantigas de ninar funciona como ouvir pequenas histórias e isso contribui para que as crianças comecem a se familiarizar com as palavras de forma prazerosa. Assim, ouvir histórias desenvolve o interesse pela literatura; ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções: medos, incertezas, coragem, ousadia, tristeza, saudade, alegria, aguça a percepção dos sentidos (ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário); e principalmente, desperta o potencial crítico e criativo da criança, levando-a a pensar, avaliar, emitir sua opinião, ir além das evidências e, por este caminho, ela passa a se conhecer enquanto agente transformador da sociedade, vendo a vida com todas as suas cores.

Quando se observa o comportamento da criança, fica evidente a capacidade de inventar histórias, por isso dar-lhes oportunidade de expressar suas ideias se torna uma necessidade.

O papel do educador, nesse momento, é de assumir o compromisso com o livro, tendo o hábito de contar histórias, despertando a curiosidade pelos misteriosos signos da escrita, desafiando-os, encorajando-os,

solicitando-os, provocando-os, para que essas criem suas hipóteses, abrindo as portas para o universo da leitura, em que a criança irá livremente penetrar guiada por suas preferências.

Abramovich (1997), ressalta em seu dizer “[...] ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”

Assim compreende-se a importância da Literatura Infantil no desenvolvimento da criança, ampliando seu universo linguístico.

2 - CAPÍTULO II - DESENVOLVIMENTO LITERÁRIO- FAIXA ETÁRIA

2.1 Conhecimentos gerais

A leitura é um processo amplo, que envolve a produção do sentido. De nada adianta ler sem compreender, ouvir sem gostar. É no encontro com qualquer forma de literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida.

As primeiras histórias são ouvidas através de canções de ninar e é através delas que a criança desenvolve a fantástica viagem no mundo da leitura e descobre que o livro faz ri, chorar e muitas outras sensações.

Ao ver de Abramovich (1997), “o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, por meio da voz da mãe, do pai, ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da bíblia, histórias inventadas, livros atuais e outros mais, (...) contados num momento de aconchego ou preparando-se para dormir.”

Em cada faixa etária destaca-se o conhecimento dos interesses predominantes que orientam na seleção da história dentre os vários indicadores.

De acordo com Coelho (1994):

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactente leite deteriorado ou quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo da saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebe, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial.

Então o que contar, tendo em vista a quem contar?

Assim no ver de Coelho destacamos o quadro abaixo:

Pré - escolares	Até 3 anos fase pré – mágica	História de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza, (humanizados) histórias de crianças
	3 a 6 anos fase mágica	Histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve etc.) Histórias de fadas
Escolares	7 anos	Histórias de crianças Animais e encantamento Aventuras no ambiente próximo: família, comunidade Histórias de fadas
	8 anos	Histórias de fadas com Enredo mais elaborado Histórias humorísticas
	9 anos	Histórias de fadas Histórias vinculadas à Realidade
	10 anos em diante	Aventuras, narrativas de Viagens, explorações, Invenções Fábulas, mitos e lendas

Quadro: Faixa Etária e Interesses

Fonte: Coelho (1994)

2.2 - Fase pré-mágica

Fase de até 3 anos, nessa faixa etária a criança, prende-se ao tom de voz, ao movimento e não ao conteúdo do que é narrado. As histórias devem ser rápidas e curtas, pois ela presta atenção nos movimentos de fantoches e a objetos que dialogam com ela.

Coelho (1994) indaga ao dizer:

As histórias devem ter enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, consegue 'viver' os enredos e sentir-se no 'lugar' em que os episódios narrados ocorrem.

Também prendem a atenção, livros de madeira, pano e plástico, mostrando coisas simples e atrativas, obtendo somente uma gravura em cada página, pois nesta fase há uma grande necessidade de contato com a história como por exemplo agarrar o livro, pegar o fantoche etc. As histórias devem conter, muita repetição e ritmo.

Ainda nesta fase as crianças têm um grande interesse por histórias de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados, devem ser rápidas, com pouco texto, uma linguagem simples, poucos personagens, aproximando-se das vivências das mesmas onde assim ela se identifica, facilmente com todos eles.

A criança acredita que tudo ao seu redor tem vida, por isso a história transforma-se em algo real para ela como se estivesse acontecendo mesmo, tudo é sonho, fantasia e mistério.

Um dos materiais mais apropriados são os fantoches. A música também desempenha um grande fascínio sobre ela.

2. 3- Fase mágica

Nesta fase dos 3 anos até os 6 anos, os livros adequados devem propor vivências familiares originadas do cotidiano da criança e apresentar características de seu estilo.

As imagens devem sugerir uma situação que seja significativa para a criança sendo assim atraente.

Para o pré-leitor, o humor, a graça, mistério ou expectativas são essenciais no livro.

Assim Coelho (1994) dá sua opinião:

As crianças nesta fase gostam de ouvir a história varias vezes. É a fase de "conte outra vez. Porque a mesma história? Da primeira vez tudo é novidade, na seguinte, já sabendo o que vai acontecer, a criança pode se identificar mais ainda, apreciando os detalhes. Igual reação pode acontecer com o adulto ao ler um bom livro ou ao assistir a um filme que lhe agrada. Relê. Revê. O prazer se renova.

Exerce um grande fascínio, histórias com dobraduras simples que a criança possa acompanhar. Outro recurso são as transformações do contador de histórias com roupas e objetos característicos. A criança espera que, realmente que o contador de histórias se transforme no personagem ao colocar uma máscara, uma capa etc. “É preciso tomar cuidado com o tom de voz, os personagens malvados, fatos muito assustadores... faz parte de seu desenvolvimento essa fase do medo e, conhecendo-a, não devemos utilizá-la como suporte para ensinamentos ou lições de moral.” Indaga Garcez (2004).

Assim como as histórias infantis, os contos de fadas têm um determinado momento para serem introduzidos no desenvolvimento da criança, variando de acordo variando de acordo com o grau de complexidade de cada história.

Para Bettelheim (1985): “[...] o conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual.” Deste modo, cada criança, particularmente, procurará no conto de fadas, um significado diferente de acordo com suas necessidades e interesses em cada fase de sua vida. Os contos de fadas falam: de medo “Chapeuzinho Vermelho”, de amor “A Pequena Sereia”, da dificuldade de ser criança “ Peter Pan”, de carências “João e Maria”, de auto descobertas “O Patinho Feio” etc.

Em suma as crianças desta fase gostam de histórias de repetição acumulativas e histórias de fadas.

2. 4-Idade Escolar

De acordo com Coelho (1994), é a fase dos 7 anos aos 10 anos em diante, e assim as crianças de primeira e segunda séries, “gostam das histórias da faixa etária anterior, pois ainda algumas não possuem bom nível de leitura, havendo grande interesse nos contos de encantamento [...]”.

Um dos elementos mais importantes na literatura destinado às crianças é o ‘maravilhoso’. Por meio do prazer ou das emoções que as histórias proporcionam o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens irá agir em seu inconsciente agindo pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores

normais nessa fase da vida. Elas “[...] ficarão embevecidas com príncipes, princesas, castelos e palácios. Já sabem que a história acontece no mundo do faz-de-conta e começam a manifestar senso crítico e se expressar com certa lógica” (COELHO, 1994).

Afirma a psicanálise que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. É durante essa fase que surge a necessidade da criança em defender sua vontade e sua independência em relação ao poder dos pais ou à rivalidade com os irmãos ou amigos. (BETTELHEIM, 1985).

Neste sentido os contos de fada podem fazer toda a diferença, podem ser decisivos na formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta.

Entretanto a literatura infantil é um chamariz, independente de classe, etnia ou religião, todo indivíduo traz uma rede de experiências ligadas à vivência que, interligadas a um contexto literário promissor, pode fazer despertar a harmonia, a criatividade, a emoção, a cidadania e muito mais.

Por meio da análise de cada faixa etária, o que realmente importa não é cada livro para cada idade, e sim que as crianças optem pelo que para elas produzam alegria, aventura, mistério, magia etc.

3-CAPÍTULO III VIVÊNCIAS EM SALA DE AULA

As atividades apresentadas abaixo foram realizadas na sala de 3º ano da professora Kellen Cristina Silva Oliveira na Escola Municipal Campos do Amaral situada na cidade de São Sebastião do Paraíso, no ano de 2008.

Ambas são formas diferentes que motivam os alunos e incentiva a leitura.

3.1 Oficinas de leitura

Segundo Resende (1997), “oficina significa espaço do fazer, motivador de manifestações simples e significativas, participativas e livres.”

Título: Oficina de leitura Ruth Rocha

Alunos do 3º ano do ensino fundamental

Duração: 1 semana

Despertar o gosto pela leitura é um desafio da escola atualmente já que competimos a atenção dos alunos com a tecnologia. Esta oficina foi criada com o intuito de levar bons livros à sala de aula e valorizar os bons autores que o Brasil possui. Temos como objetivos, além dos já citados estimular o uso das estratégias de leitura para melhor compreensão dos textos lidos e aliar boa leitura à internet tão utilizada pelos nossos alunos.

Atividade 1- Biografia da autora

Perguntar aos alunos:

1- Vocês já ouviram falar de Ruth Rocha?

Alguns alunos responderam que já tinham ouvido falar e achavam que ela escrevia poesias.

2- Alguém já leu um livro ou texto dessa autora?

Inicialmente não lembravam, mas, após a leitura da biografia, uma aluna disse que já havia lido Marcelo, Marmelo, Martelo, mas não se recordava da história.

Apresentar uma rápida biografia da autora aos alunos:

Ruth Rocha é uma das escritoras infantis mais conhecidas e prestigiadas do Brasil. Nasceu em São Paulo no dia 2 de março de 1931.

Em 1976, lançou sua primeira obra, Palavras Muitas Palavras. Ao todo são 130 publicações, traduzidas para 25 línguas, algumas lançadas no Parlamento Brasileiro e na sede da ONU em Nova York.

Sua ficção mais famosa é Marcelo, Marmelo, Martelo, o qual já vendeu mais de 1 milhão de livros.

Em 2002 conquistou o prêmio Jabuti pelo livro Escrever e Criar.

É membro da Academia Paulista de Letras desde 25 de outubro de 2007.

Obs: atividades extras podem ser realizadas com a biografia como, por exemplo, propor uma pesquisa e visita a Academia Paraisense e conhecer autores da cidade.

Atividade 2-Leitura do livro

Após a leitura da biografia dizer aos alunos que será feita a leitura de um livro da autora. Faça sem ponta galinha sem pé.



Figura 1: capa do livro

Fonte: <<http://www.relativa.com.br/livrotemplate.asp.htm>>

2.1 Observem a capa do livro e respondam: (alunos devem manusear o livro ou terem uma cópia da capa em mãos. As respostas são orais).

Quais são as ilustrações da capa?

Disseram haver um arco-íris e um homem e uma mulher. Alguns pensaram que eram namorados e outros achavam que eram amigos ou irmãos.

Através do título *FACA SEM PONTA GALINHA SEM PÉ* o que podemos imaginar que esse nos contará?

Inicialmente disseram que seria uma história onde alguém mataria uma galinha com uma faca, mas logo notaram que não havia nenhuma ilustração na capa que confirmasse essa hipótese. Então supôs-se que seria uma briga de namorados, um mistério ou ainda uma história relacionada a animais mesmo.

Os alunos estão utilizando as estratégias de antecipação, inferência e levantamento de hipóteses. Essas hipóteses podem ser anotadas no quadro para posterior checagem.

2.2 O professor não lerá o livro todo. Este será dividido em 2 capítulos.

1º dia: Do início até a travessia por debaixo do arco íris, onde se faz um suspense: o que será que aconteceu?(novamente as estratégias acima são trabalhadas).

A maioria das crianças acreditava que eles realmente tinham tocado de sexo já que “pararam espantados.”

2º dia: Retoma-se as hipóteses anteriores e termina a leitura do livro.

2.3 Após essa leitura, todas as hipóteses levantadas sobre a capa do livro são revistas e verificadas se estavam corretas de acordo com o livro.

Nesse momento a estratégia de checagem está sendo trabalhada.

Conclui-se que a hipótese que mais se aproximara do texto real foram a da briga, porém ao invés de namorados eram irmãos e a do mistério, relacionada à troca de sexo.

Atividade 3-Seleção de livros da mesma autora

No dia seguinte à leitura levar os alunos à biblioteca para procurarem livros da mesma autora para aumentarem seu repertório. Os alunos levam os livros para casa para utilizarem no dia seguinte.

Nessa atividade está sendo desenvolvida a estratégia de seleção.

Atividade 4 Indicação Literária

No outro dia, a sala é disposta em círculo para serem feitas as indicações literárias. Os alunos que leram um livro da autora e gostaram indicariam o título e diriam porque indicam a leitura aos amigos.

Para iniciar é aberta uma discussão sobre a função da indicação literária e se há alguma importância nela.

Para melhor entendimento compara-se a indicação ao trailer de um filme, ou seja, uma dica de divertimento.

Os leitores mostram o livro e fazem a indicação e os outros anotam os nomes das obras no caderno:

LIVRO	ASSUNTO	INDICADO POR
Nicolau teve uma ideia	Várias ideias	Jean
Fábulas de Esopo	Fábulas contadas por Ruth Rocha	Jonas
Quando eu cresci	Implicância com uma garota	Marina
As coisas que a gente fala	Uma mentira que prejudicou alguém	Luana
Como se fosse dinheiro	Indignação do personagem por receber balas de troco	Enzo
Romeu e Julieta	Cores	Geovana
A menina que aprendeu a voar	Um vôo de verdade	Leonardo
O que os olhos não vêem		Isadora
Admirável mundo louco	Viagem ao sol	Diego

Quadro: Indicação dos alunos

Fonte: arquivo da professora (2008)

Atividade 5-Acessar o site

Na sala de informática acessar o site oficial da autora:

<<http://www2.uol.com.br/ruthrocha.htm>>.

Para serem lidas novas histórias como Meu irmãozinho me atrapalha (anexo).

Nesse site também são encontrados vários passatempos.

Atividade-6 Avaliação

Na sala fechar o trabalho com uma avaliação oral ou escrita do pensamento dos alunos sobre essa autora e suas obras e dessa oficina de leitura.

3.2 Projeto “Nossas Fábulas”

“Os projetos são excelentes situações para que os alunos produzam textos de forma contextualizada – além do que, dependendo de como se organizam, exigem leitura, escuta de leituras, produção de textos orais, estudo, pesquisa ou outras atividades.” (PCN vol. 2, p.70/71).

Projeto Nossas Fábulas, ganhador em 3º lugar do Prêmio Professor Aprendiz, concurso realizado pela Secretaria Municipal de Educação de São Sebastião do Paraíso para premiar as melhores experiências pedagógicas

Título: Projeto Nossas Fábulas

Alunos do 3º ano da Escola Municipal Campos do Amaral

Número de alunos: 28

Tempo de duração: maio a agosto de 2008

Professora: Kellen Cristina Silva Oliveira

1-Justificativa:

A leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que

são mobilizadas pelo leitor, tanto no ato de leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela. Assim, o sujeito demonstra conhecimentos de leitura quando sabe a função de um jornal, quando se informa sobre o que tem sido publicado, quando localiza pontos de acesso público e privado aos textos impressos (bibliotecas), quando identifica pontos de compra de livros (livraria, bancas etc.).

Dizendo de outra forma, depois que um leitor realiza leitura, os textos que leu vão determinar suas escolhas de leitura futuras, servirão de contraponto para outras leituras e assim por diante.

Atitudes como gostar de ler e interessar pela leitura e pelos livros são construídas, para algumas pessoas, no espaço familiar e em outras esferas de convivência em que a escrita circula. Mas, para outros, é, sobretudo na escola que este gosto pode ser incentivado. Para isso é importante que a criança perceba a leitura como ato prazeroso e necessário e que tenha os adultos como modelo.

Partindo desse pressuposto, comecei a observar por qual gênero meus alunos mais se interessavam e as fábulas eram muito bem recebidas tanto na leitura feita por mim, quanto na leitura livre, momento em que cada aluno escolhe o que quer ler. A partir dessa observação, aliei o prazer à necessidade didática na produção e revisão de texto.

2-Objetivos gerais:

- Despertar o prazer pela leitura.
- Conhecer as características do gênero fábula.
- Diferenciar gêneros.
- Desenvolver a habilidade em produzir e revisar textos.
- Desenvolver a leitura

3- Conteúdos Curriculares

- Língua Portuguesa (Leitura, Escrita e Produção de Texto)
- Matemática (estatística, tratamento da informação)
- Artes (áudio-visuais)

4- Metodologia

O primeiro passo foi verificar quais fábulas a turma conhecia e registrar em uma lista, para que a partir daí iniciassem as atividades.

A maioria das atividades foram realizadas em dupla ou grupo, visando o aproveitamento da parceria entre os colegas. Esses agrupamentos eram sempre montados de acordo com as dificuldades que os alunos apresentavam.

Utilizamos vários recursos como livros e CDs de fábula, cartazes, histórias em quadrinhos, livro didático entre outros.

O projeto tem como alvo principal melhorar os textos escritos através de revisão e rascunho textual, prática que os alunos relutavam muito em fazer, pois teriam que escrever o texto novamente e eles acreditavam que seria perda de tempo, desse modo o trabalho foi realizado com atividades que propiciaram desafios e levaram as crianças a refletirem sobre sua importância.

Vários problemas foram colocados para a turma resolver, mas o primeiro foi produzirem fábulas em duplas para apresentação de um sarau na biblioteca da escola para alunos do 1º ano da Escola Municipal Interventor Noraldino Lima, atividade que necessitaria de uma escrita bem feita e de uma leitura fluente. O outro problema seria melhorar ainda mais a leitura para que gravássemos um CD para dar de presente aos pais e levar aos deficientes visuais da Escola Estadual Mariana Marques (APAE).

4.1 – Atividades

4.1.1- Lista de fábulas conhecidas (Língua Portuguesa)

Objetivo específico: levantar o conhecimento prévio dos alunos sobre esse gênero textual.

Os alunos se lembravam das fábulas já lidas ou ouvidas e tudo ia sendo registrado no quadro. Eles tinham certa familiaridade com esse gênero e sempre que possível, escolhiam livros para ler. Faziam parte da lista:

Esse início foi muito importante, pois demonstrou que as crianças conheciam

várias fábulas e o projeto despertaria realmente o interesse da turma.

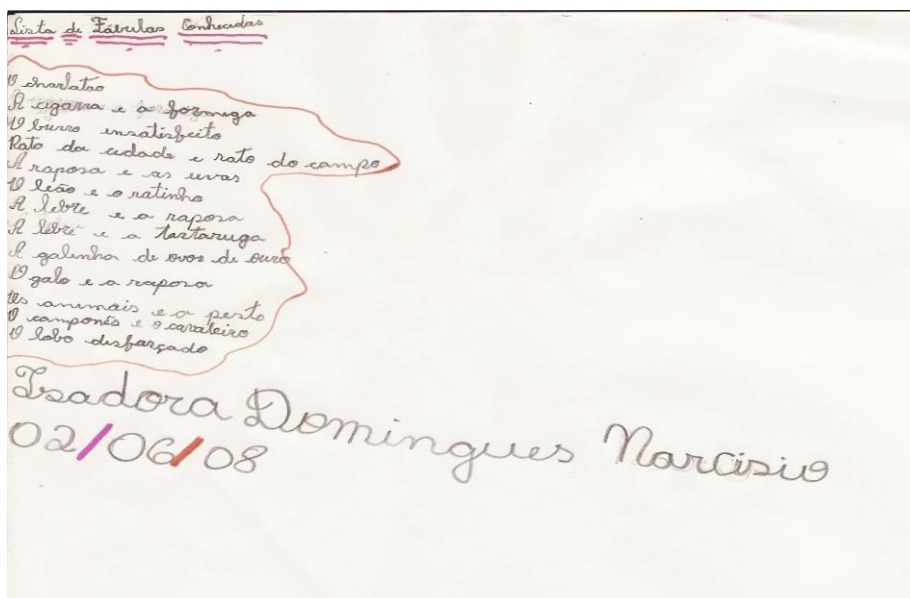


Figura 2: Lista de fábulas.

Fonte: arquivo da professora (2008).

4.1.2- Reconto (Língua Portuguesa)

Objetivo específico: desenvolver a habilidade de ouvir e reproduzir textos oralmente ou por escrito.

Foi lida pela professora a fábula: O Burro Insatisfeito e os alunos a recontaram por escrito. Essa segunda atividade também era de caráter diagnóstico, pois mostraria o conhecimento pela estrutura do gênero. A maioria recontou bem, mas nenhum ainda observava as particularidades do texto, como ter a moral no fim da história.

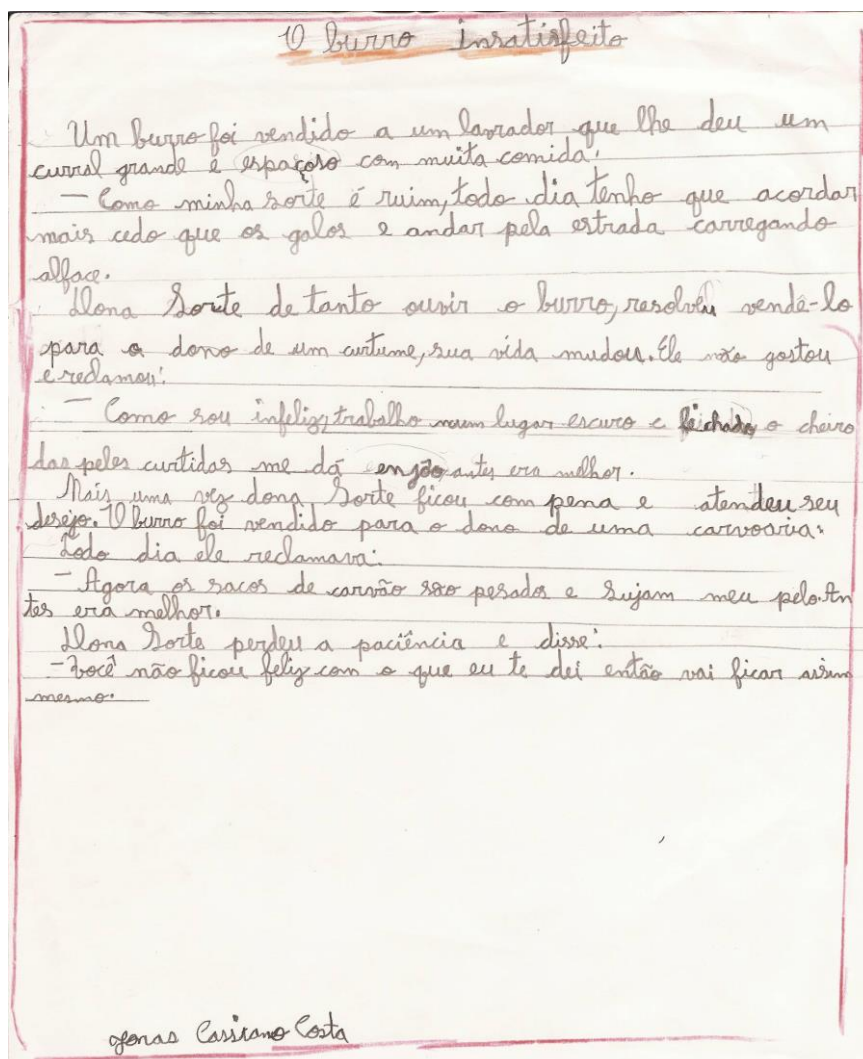


Figura 3: Reconto das fábulas.

Fonte: arquivo da professora (2008).

4.1.3- Leitura da fábula: *A Coruja e a Águia* em um texto narrativo e em quadrinhos e construção de um quadro comparativo. (Língua Portuguesa)

Objetivo específico: conhecer as diferenças entre os gêneros textuais.

Individualmente, o texto foi lido no livro didático: Linhas e Entrelinhas 2ª série páginas 130 e 131, 136 e 137.

Após a leitura, houve uma discussão em torno das formas que poderiam ser utilizadas na escrita de um mesmo texto, e constatamos que sem perder o seu conteúdo, uma mesma história poderia ser produzida em diferentes gêneros, porém, respeitando suas características próprias.

Essas características foram registradas num quadro comparativo construído coletivamente. Os alunos analisavam os dois gêneros e falavam o que deveria ser registrado no quadro. É importante ressaltar que anteriormente, já havia sido realizado um trabalho com histórias em quadrinhos e suas características.

Diferenças entre:

texto narrativo	quadrinhos
• alguém conta a história.	• vemos as imagens e lemos os balões.
• não precisa de desenhos.	• precisa dos desenhos.
• não precisa de onomatopéias.	• precisa de onomatopéias.
• não tem balões.	• os balões são necessários.
• utiliza muita pontuação.	• utiliza pouca pontuação.
• utiliza parágrafo.	• não utiliza parágrafo.

Geovana Aparecida Oliveira. data 06/2.008

Figura 4 : Quadro comparativo.

Fonte: Arquivo da professora (2008).

4.1.4- Transformação de histórias em quadrinhos em texto narrativo. (Língua Portuguesa)

Objetivo específico: transformar um gênero textual em outro, utilizando a mesma história.

Os alunos receberam a fábula: A Lebre e a Tartaruga em quadrinhos e em dupla escreveram a mesma história em texto narrativo. Para realizarem essa atividade, reportaram ao quadro comparativo e lembraram as características do texto narrativo. Puderam também consultar o texto do livro didático.

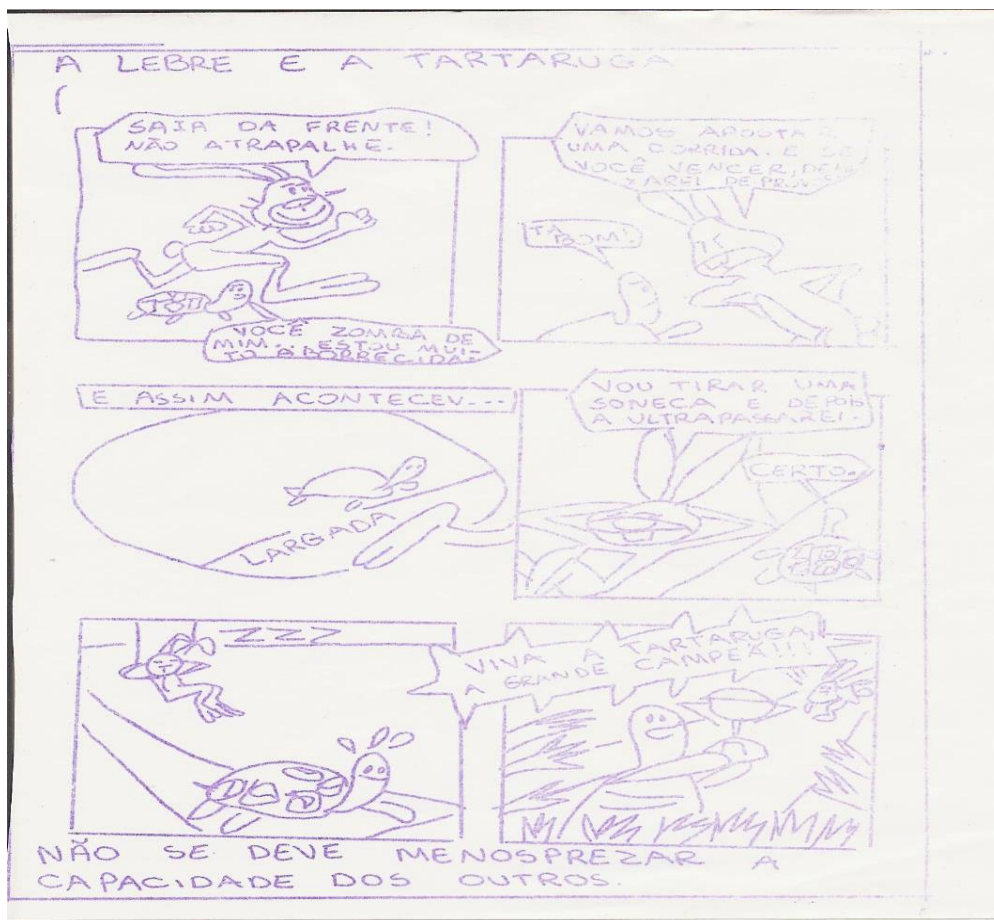


Figura 5: Fábula A Lebre e a Tartaruga.

Fonte: Arquivo da professora (2008).

4.1.5- Revisão do texto produzido. (Língua Portuguesa)

Objetivo específico: rever e melhorar a própria escrita.

Foi escolhido um dos textos narrativos para ser reproduzido para todos os alunos que tiveram como atividade observar segmentação e pontuação. Esse texto foi distribuído da mesma forma que os alunos escreveram para que pudessem refletir e melhorá-lo. O trabalho foi realizado em dupla, que foram agrupadas de acordo com as dificuldades apresentadas.

Revisão do texto: A lebre e a Tartaruga
 Alunos: Igor e Jean
 Pontos de observação: PARÁGRAFOS E PONTUAÇÃO

Um belo dia ensolarado a tartaruga estava saindo de casa e viu a lebre e nem deu bola pois a lebre vivia zombando dela.
 então elas decidiram apostar uma corrida e chegou o dia da corrida. no meio da corrida a lebre parou para cochilar pois a tartaruga, assim venceu a corrida.

Não se deve menosprezar a capacidade dos outros.

Figura 6: Texto.

Fonte: Arquivo da professora (2008).

As duplas liam o texto acima e marcavam onde seria parágrafo e se precisaria alterar a pontuação. Depois, foram expostas as revisões e os autores do texto acima, refletiram que a escrita com a revisão ficou bem melhor e organizada. A escrita revisada de uma das duplas ficou da seguinte forma:

Nome: Marco Zinco e Yai Dunga Duarte, Lucas Rodrigo Costa Mussoli

Um belo dia ensolarado a tartaruga estava saindo de casa. E viu a lebre e nem deu bola pois a lebre vivia zombando dela.
 Então elas decidiram apostar uma corrida. E chegou o dia da corrida. No meio da corrida, a lebre parou para cochilar pois a tartaruga, assim venceu a corrida.

Não se deve menosprezar a capacidade dos outros.

Marco Zinco



Lucas Rodrigo

CHEGADA



Figura 7: Revisão dos alunos.

Fonte: Arquivo da professora (2008).

4.1.6- Criação de gráfico. (Matemática)

Objetivo específico: desenvolver as competências de criação e interpretação de gráficos e tabelas.

Inicialmente discutimos como poderíamos obter informações para a criação de um gráfico que registrasse o conhecimento da outra turma do 3º ano sobre fábulas. Chegamos a conclusão de que uma pesquisa poderia ser realizada através de um questionário e os dados da pesquisa seriam o registro do gráfico e tabelas. Coletivamente elaboramos o seguinte questionário:

1-Você já ouviu alguma fábula? () sim () não

2-Você aprendeu algo de bom? () sim () não

3- Qual é a parte que não pode faltar nas fábulas?

() final feliz () diversão () moral da história () gravuras

4-Onde você costuma ouvir fábulas?

() na escola () em casa () na casa de amigos () outros. onde? _____.

5- Com que frequência você ouve ou lê esse tipo de texto?

() nunca () às vezes () sempre

Com o apoio da professora Vanessa da turma do 3º ano da escola, as crianças responderam as questões e novamente decidimos a melhor forma de registrar.

De posse das respostas do questionário, a sala foi separada em 3 grupos, sendo 2 compostos por 5 duplas e 1 por 4 duplas. As 2 primeiras questões foram registradas numa tabela:

PESQUISA SOBRE FÁBULAS		
PERGUNTAS	SIM	NÃO
VOCE JÁ OUVIU ALGUM	25	0
DA FÁBULA?		
VOCE APRENDEU ALGO DE BOM	24	1
TOTAL DE ALUNOS (25)		

Leonardo Rezende de Souza

Figura 8: Tabela de perguntas.

Fonte: Arquivo da professora (2008).

As demais questões foram registradas em gráficos. Cada grupo ficou responsável em criar um gráfico para cada questão, ou seja, as duplas do grupo 1 criariam o gráfico da questão 5.

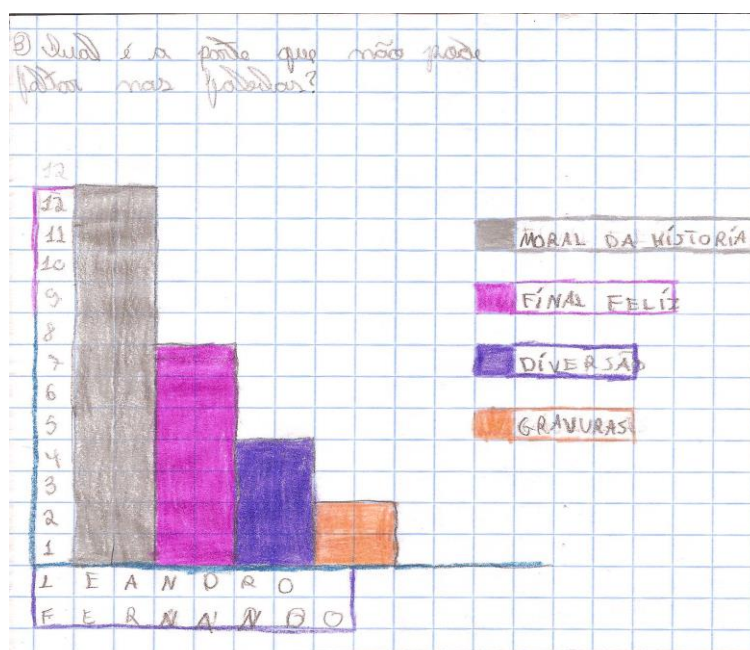


Figura 9: Gráfico do que não pode faltar nas fábulas.

Fonte: Arquivo da professora (2008).

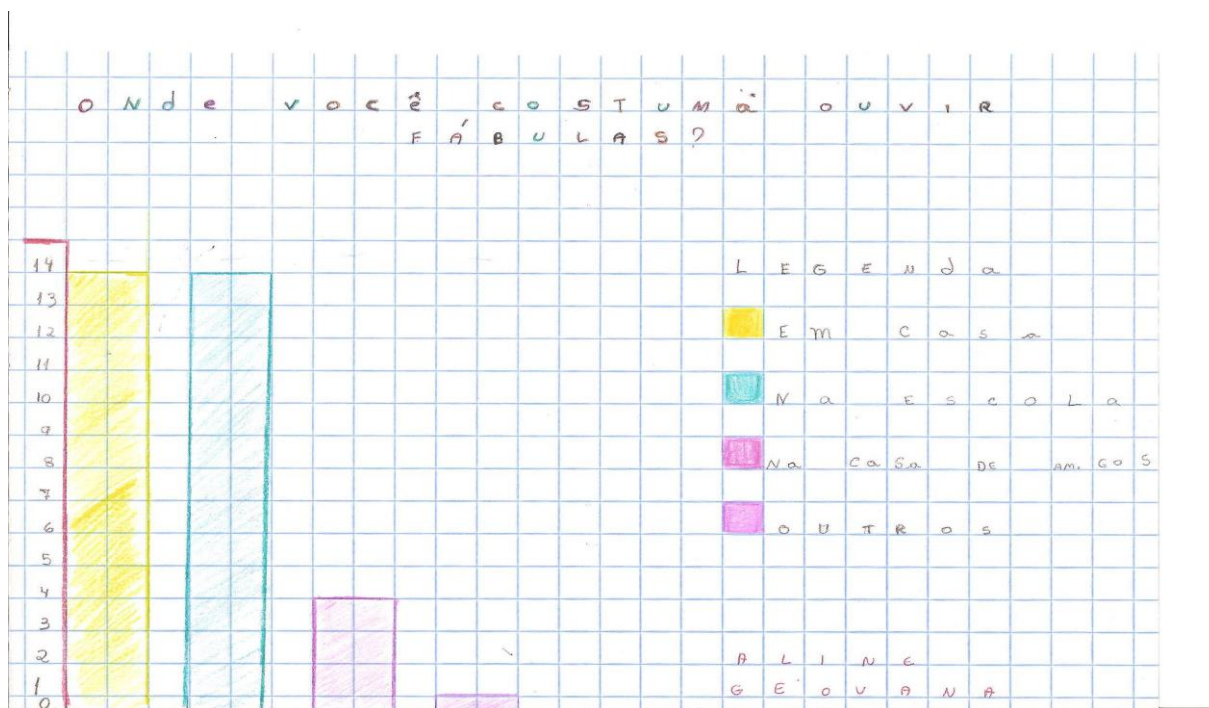


Figura 10: Gráfico de onde costuma-se ouvir Fábulas.

Fonte: Arquivo da professora (2008).

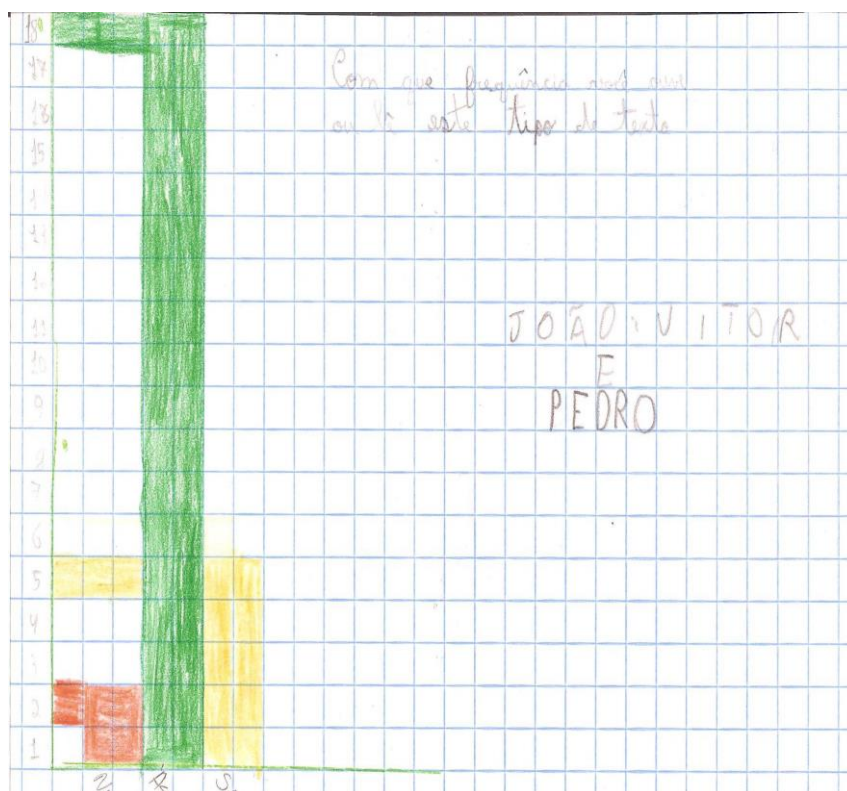


Figura 11: Gráfico de freqüência de onde se ouve Fábulas.

Fonte: Arquivo da professora (2008).

4.1.7- Produção e revisão dos textos (Língua Portuguesa e Artes)

Objetivo específico: produzir um texto a partir de outro.

Os alunos foram separados por duplas e escolheram um livro de fábula que deveria ser lido pelos dois. Após a leitura deveriam escolher quem escreveria a história criada.

Eles tiveram um tempo para realizarem a leitura e discutirem como seria a história. Deveriam observar as características desse tipo de texto já estudado e foram orientados a darem o melhor de si, pois a produção seria divulgada para toda a escola e também para outra escola.

Começaram a discutir e escolher os personagens da fábula. Ambos participavam da produção dando as idéias e ajudando na escrita das palavras de forma correta.

Depois de prontas, as produções foram recolhidas para que se fizessem as revisões.

A revisão desta vez foi feita de forma diferente. Foram lidas e revisadas pela professora que digitou o texto com todas as correções.

No dia seguinte, cada dupla recebeu seu texto original e o revisado. A tarefa era observar o texto reescrito e anotarem numa folha quais foram as melhorias e se realmente elas eram necessárias.

Após essa reflexão, lançou-se um debate, na qual as duplas expuseram suas observações para toda a sala.

Na folha digitada, cada dupla deveria ilustrar seu texto na aula de Artes.

Nessa última produção, pode-se notar o avanço que os alunos tiveram na escrita desse gênero.

4.1.8 - Apresentação do sarau.

Objetivo específico: despertar o prazer pela leitura e a responsabilidade de ler bem para o público.

Ao todo foram produzidas 12 fábulas na sala que seriam lidas pelos alunos para uma turma do primeiro ano da Escola Municipal Interventor Noraldino Lima em visita à biblioteca da nossa escola e em seguida para todas as salas da Escola

Municipal Campos do Amaral.

Para realização desse sarau, as duplas decidiram entre si qual dos dois leria a produção e assim começaram os ensaios. O leitor ia à frente ler seu texto, enquanto os colegas avaliavam a leitura e posteriormente davam dicas de como melhorar, por exemplo: “leia mais alto”, “não leia tão rápido”, “observe os pontos” etc. Essa avaliação se repetiu até chegar ao ponto que foi considerado a melhor leitura pela sala.

No dia da apresentação, todos estavam ansiosos, pois a TV local viria filmar o sarau e entrevistar os autores.

Embora estivessem nervosas, as crianças leram muito bem e receberam muitos elogios.

Foi emocionante ver a atenção das crianças menores na hora da leitura e as emoções variadas que lhes causavam. Algumas arregalavam os olhos, outras riam ou se espantavam. Foi um grande sucesso e valorizou muito os pequenos autores.

4.1.9 – Produção de um CD (Língua Portuguesa, Artes)

Objetivo específico: despertar o prazer pela leitura e promover a interação com alunos da Escola Especial.

Para finalizar o projeto, decidimos gravar um CD com a leitura das crianças que seria dado de presente no Dia dos Pais e para as crianças com deficiência visual na Escola Estadual Mariana Marques (APAE).

Produzimos o CD na sala e tiramos uma foto com a turma toda para ser a capa.

Na aula de Artes, foi criada a capa e os alunos escreveram a dedicatória no próprio CD. Após a homenagem aos pais foi feita a entrega dos CDs pelas crianças.

Dias depois, era hora de visitar as crianças da APAE para conhecer um pouco mais sobre sua rotina e entregar o CD.

A turma foi dividida em dois grupos, cada um foi à escola num dia diferente.

Fomos recebidos pela professora Neusi que nos mostrou todo material que os alunos utilizam e por fim ouvimos o CD junto com eles.

A visita foi registrada com fotos e num texto produzido coletivamente.

Para encerrarmos nosso Projeto, fomos visitar os deficientes visuais da APAE e presenteá-los com um CD que gravamos, onde lemos as fábulas que produzimos

junto com os colegas. A turma foi dividida em 2 grupos. O primeiro grupo foi entregar o CD no dia 3 de setembro e o segundo foi conhecer a escola no dia seguinte.

Fomos muito bem recebidos pela professora Neusi que nos guiou pela escola com a ajuda de uma aluna cega. Primeiro, nós vimos como funciona a máquina de escrever em braile com uma demonstração da professora e da aluna Maria da Glória. Aprendemos que os livros didáticos dos alunos deficientes são os mesmos utilizados por nós, porém escrito em braile.

Tivemos contato com alguns instrumentos utilizados por eles: um programa de voz no computador que possibilita à pessoa que se ouça tudo o que executa no computador, um tabuleiro de xadrez com marcações em braile e peças maiores para os deficientes jogarem, a cada jogada, o jogador fala para o adversário os passos que fez no jogo, para o outro poder saber e jogar, além da máquina vimos uma prancha chamada reglete, para se escrever em braile, esse material requer muita coordenação motora, pois para utilizá-lo deve ir furando o papel de acordo com os pontos da escrita em braile, o soroban que funciona como uma máquina de calcular e lembra muito o ábaco.

Além da sala da professora Neusi, conhecemos outras salas da escola e vimos alguns alunos fazendo exercícios de fisioterapia e fonoaudiologia.

Depois de entregarmos o CD, fomos para sala de musicoterapia ouvir juntos.

Foi uma ótima experiência e gostamos muito de conhecer a escola e o trabalho sério realizado pelos seus profissionais.

5-Avaliação

Esse projeto de trabalho teve todos os objetivos atingidos. Ficou comprovado que quando os alunos são estimulados, independente da classe social, despertam o gosto pela leitura e são capazes de produzir bons textos.

A sala apresentava certa resistência em revisar textos, pois teriam que escrever de novo a produção e isso os deixava desestimulados. Ao perceberem que a sua escrita seria lida e ouvida por outras pessoas, viram a necessidade de darem o melhor de si, pois perceberam sua verdadeira função.

Aprender as características do gênero foi fundamental para que as produções finais fossem um sucesso. Não é suficiente apenas o contato com textos diferentes, é necessário um trabalho reflexivo e comparativo em torno deles.

Não apenas escrever, mas escrever bem. Não apenas ler, mas ler muito bem passou a ser um lema para sala, de modo que, foram ressaltadas habilidades que já possuíam e estimulados para o desenvolvimento de novas habilidades, pois sentiram-se capazes.

Em outras palavras, além de atingir os objetivos traçados, o trabalho foi uma “injeção de ânimo” na turma e na professora, é claro.

O sucesso desse projeto se deve ao trabalho conjunto entre pais, alunos e todos os profissionais da escola.

Pode-se concluir que o trabalho diversificado com oficinas e projetos enriquece e contribui efetivamente para a construção do conhecimento tanto de alunos quanto de professores, além de integrar diversos conteúdos.

CONCLUSÃO

Conclui-se que por meio do incentivo à leitura pode-se promover a construção do conhecimento e o prazer pela leitura, não esquecendo a função formadora, onde se aproveita o espaço para formar críticos e reflexivos.

Cabe aos pais e professores desempenharem esse papel de mediador, do livro para as crianças, para que ela desde cedo desperte, o gosto literário.

O professor deve planejar muito bem esse trabalho com a literatura, em um ambiente harmonioso gerando uma hora de prazer e motivação, e também conhecer bem o conteúdo, pois só se ensina bem o que se conhece bem.

Através deste trabalho bem conduzido e orientado, o aluno reage, pois ele questiona, critica, interage, etc. Assim ele irá utilizar melhor a literatura, tanto com os livros quanto com o computador, uma vez que esse é um grande competidor da mesma.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

COELHO, B. Contar Histórias uma arte sem idade. 5.ed. São Paulo: Ática, 1994

CUNHA, M. A. A. Literatura Infantil. Teoria & Prática. 5.ed. São Paulo: Ática, 1986.

DRUMMOND, C. Literatura Infantil, In: confissões de Minas. Literatura Obra completa. Rio de Janeiro: Aguiar Editora, 1979.

FONSECA, C.C. Vida e Obra de Monteiro Lobato. Disponível em:
<<http://www.nilc.icmc.usp.br/literatura/monteirolobato.htm>>. Acesso em 20 nov. 2008

GARCEZ, S. Contos da Carochinha, Literatura Infantil enriquece o poder de ler e escrever. Revista do professor, n.77, jan./mar.2004.

SOARES, M. Português: uma proposta para o letramento: ensino fundamental. 1.ed. São Paulo: Moderna, 1999.

MEIRELES, C. Problemas da Literatura Infantil. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

RESENDE, V. M. Literatura Infantil e Juvenil. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 1997

SALES, M. N. Literatura e biblioteca e escolar. Quem conta um conto... Alimenta um sonho. Caderno Amae. Fevereiro, 2001.

OLIVEIRA, C. M. A literatura Infantil. [online] Disponível em: <<http://WWW.graudez.com.br/litinf/origens.htm>>. Acesso em 03/06/2009

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, língua portuguesa. Brasília: vol.2, 1997.

VALENTE, L. N. V. Literatura Infantil na sala de aula: um inventário instigante. Disponível em: <http://www2.ufpa.br/cameta/artigos/luis.htm>. Acesso em 28/03/2009